

GOUÇON



Em preto e branco

Nenhum dos matizes aplicados pelo presidente José Sarney no último quadro em que retratou o Brasil, sob seu Governo, fugiu da cromática do preto e branco. Mais para preto, aliás, num surpreendente contraste com os coloridos esboços da série que passava a revelar, em apoio à definição de seu mandato de cinco anos. Falou, assim, aos estagiários da Escola Superior de Guerra em tom lúgubre, bem estranho às pinceladas de otimismo repetidas para uso paisano.

Razões de auditorio à parte, o imprevisto também poderia ser invocado como fator do diferencial. Entretanto, um Presidente da República sabe o que diz, por voz ou escrito.

“O Estado brasileiro chegou a um ponto de exaustão tal, que não tem recursos sequer para gerir e atender às necessidades mínimas que lhe competem nas áreas de saúde, educação e dos demais serviços públicos”. Nas frases, nada esconde a iminência falimentar.

Então, cabe a pergunta de quem é governado sobre a quem se atribuir não mais a culpa —

sempre solteira — mas a responsabilidade de salvar o País do sinistro próximo. Tem-se como imprescindível a compatibilização do Executivo e do Legislativo, onde o Governo começa a dispor de bases fundamentais para ampliar sua política, antes que esta fique estagnada no capítulo oneroso da definição do mandato.

Há um prazo curtíssimo para uma coisa e outra. Qualquer demora de o Planalto rever sua própria estrutura de recursos humanos, visando à sincronização de atos e esforços, condenará inclusive o projeto que revoluciona a política industrial e abre a alfândega para importações, antes restritas pelo similar nacional e, agora, adquirindo o papel de estímulo ao aprimoramento do produto brasileiro graças ao atributo competitivo.

E para já que o Executivo tem de gerar provas de seguir o bom caminho. Pois é com a evidência dos fatos o meio de reaver a confiança do povo e, por ela, sua ajuda.

O quadro sombrio exposto pelo presidente Sarney, se não

era conhecido, nem por isso deixava de ser sentido pela sociedade, à qual o Governo, há longos anos, tem omitido pálida renúncia a suas compensações. E, o Governo, o único a remediar-se com a inflação, porque aciona o fisco nos bolsos dos contribuintes, nesta altura sem saberem mais o que é e o que não é compulsório. E, a cada aumento de salário, por exemplo, é o Governo o único a perceber sua comissão, pelo dreno dos descontos nos encargos sociais das empresas, nem se estimando os impostos em repasse na carga finalista do consumo.

Enfim, se é dramática, a perspectiva periclitante deve ser mudada, e depressa, pelo Governo que conhece causas, efeitos e tem a alavanca em suas mãos. A moldura completa o horror da tela em preto e branco, que exige meridiana análise técnica de cada traço. Pois ninguém aceita entronizar em suas casas as figuras tenebrosas que lhe cobram, na nudez, aquilo que aos gemidos acreditava ter pago — e ainda lhe dizem estar devendo sempre mais.

Haroldo Hollanda

Sarney vai ajudar Ulysses no PMDB

Na conversa mantida antecorrem com o deputado Ulysses Guimarães, o presidente Sarney atribuiu importância especial ao papel a ser desempenhado pelo PMDB no processo de redemocratização da vida política brasileira. Enquanto, no entender do presidente da República, o PFL não tem um projeto viável como partido nem possui perspectivas favoráveis quanto ao seu futuro, o PMDB tem todas as condições de vencer não só as eleições deste ano, como as presidenciais do próximo ano. A exemplo do que foi no passado o antigo PSD e a importância por ele exercida, no período de 46 a 64, acha Sarney que o PMDB, embora em situação diferente, com o apoio dos seus vinte governadores, está destinado a desempenhar papel significativo nos acontecimentos políticos do País nos próximos anos. Nas entrelinhas da conversa, ficou implícita a intenção do presidente Sarney de fortalecer sua aliança com Ulysses, através do PMDB. «Mas qual será o PMDB que Sarney deseja? O de Ulysses ou do Carlos Sant'Anna?», pergunta malicioso político do partido. Sarney vai colaborar com Ulysses para manter a unidade do PMDB em torno dos seus governadores.

Ontem, Ulysses almoçou com o governador Henrique Santillo, de Goiás. Desse encontro saíram os dois sintonizados quanto ao propósito manifestado por Ulysses de ver o PMDB unido em sua convenção, em torno de uma chapa que retrate as mais diferentes tendências partidárias. Mas o presidente do PMDB continua preocupado com o comportamento político do governador da Bahia, Waldir Pires, o qual vem aglutinando em torno de sua liderança grupos de centro-esquerda do PMDB que não querem mais conviver no interior do partido com suas correntes conservadoras. Mas o confronto na convenção, na opinião de Ulysses, poderá representar o esfacelamento e o fim do PMDB como partido,

razão pela qual irá se opor com todas as suas forças contra essa idéia. A intenção de Ulysses é a de fazer uma aliança com os governadores, que assegure a indestrutibilidade do PMDB.

Waldir e Wellington com Simon
A crise do PMDB começou a provocar inusitada movimentação entre os governadores do partido. Hoje, os governadores Waldir Pires, da Bahia, e Wellington Moreira Franco, do Rio de Janeiro, deslocam-se para Porto Alegre, a fim de se reunirem ali em torno da mesa do almoço com o governador gaúcho Pedro Simon. Mas se o governador baiano e o grupo de centro-esquerda do PMDB que o acompanha mais de perto pretendem bater chapa na convenção do partido, o governador Pedro Simon, com tato e prudência, trabalha em outra direção, a fim de no final chegar à mesma estrada palmilhada por Ulysses. Simon é da opinião de que não se deve excluir o governador paulista Orestes Quêrcia das mais importantes decisões a serem tomadas pela convenção. O grupo de centro-esquerda do PMDB, que prega o movimento de rebelião na convenção, declara não aceitar nenhum tipo de composição política com os governadores de São Paulo e Minas Gerais, o que é encarado como um movimento romântico.

Hoje, deve passar por Brasília, a caminho do Rio, o governador pernambucano Miguel Arraes, o qual, até aqui, pelo menos, vem desestimulando todas as ações políticas que desaguem no confronto dentro da convenção nacional do PMDB. Miguel Arraes vai ao Rio para uma troca de impressões com os governadores Moreira Franco e Waldir Pires.

Irritação
A insistência do governador baiano Waldir Pires em bater chapa na convenção do PMDB está irritando os amigos do deputado Ulysses Guimarães e do ministro Renato Archer. Alega-se que o comportamento do governador

baiano gera apreensões no comando partidário, tendo em vista que em torno dele está se congregando um grupo que não teria maior repercussão em seus atos, se não contasse com o respaldo de uma liderança da expressão e importância de Waldir Pires. Pondera-se ainda que o ministro Renato Archer, se não tiver a cobertura política dos governadores a ele mais ligados, como Waldir Pires e Pedro Simon, poderá pegar boné e ir embora do Governo. Lembra-se, a propósito, que Renato Archer, ao preço de grande desgaste pessoal dentro do Governo, como ministro da Previdência Social, tem canalizado sucessivas injeções de recursos financeiros para a Bahia. Archer é o braço direito de Ulysses e seu principal colaborador político.

Posição insustentável
O deputado paulista Roberto Rollemberg, dos políticos do PMDB do seu estado mais ligados ao governador Orestes Quêrcia, informa que dias atrás foi procurado, em Brasília, por alguns parlamentares do seu partido, os quais lhe pediam para subscrever documento em que se exigia do senador Mário Covas que renunciasse à liderança do PMDB na Constituinte. Recusou-se a assinar o documento sob a alegação de que do ponto de vista político essa seria uma atitude contraproducente. Adianta Rollemberg que vai aguardar mais uns dez dias, antes de tomar contra covas as providências políticas que julga cabíveis. Assinala que Covas sempre teve no seu entender um comportamento ético e irrepreensível em sua vida pública, exceção feita agora ao episódio da liderança. A posição correta, de acordo com sua visão pessoal, teria sido a da renúncia.

Atitude irremovível
O senador baiano Jutai Magalhães afirma que é irredutível a posição assumida pelo governador Waldir Pires de que não aceita qualquer acordo com os conservadores na convenção nacional do PMDB.